

LIVRO VIRTUAL: REFLEXÕES SOBRE SUAS POTENCIALIDADES

Raphael de Oliveira Reis¹

RESUMO:

O presente trabalho faz reflexões sobre o livro virtual, procurando compreender as transformações do suporte da escrita e leitura, as potencialidades que este meio pode proporcionar e faz breves considerações sobre o livro virtual na escola. Se por um lado as potencialidades do virtual e, neste caso específico, os livros virtuais são sedutores, pois podemos imaginar que uma pessoa cega ou analfabeta pode “ler” um livro, através do audiobook. Por outro lado, precisamos lembrar que ainda o livro impresso continua sendo o principal suporte da escrita, da leitura e do conhecimento. Para analisar as questões mencionadas, dialogamos principalmente com os seguintes autores: Roger Chartier, Pierre Lévy, André Lemos, Lucia Santaella e Gilberto Salgado. Dessa forma, podemos concluir que para além da discussão das potencialidades do livro virtual, é preciso considerar os efeitos sociais, visto uma possível desintegração do espaço público e do aumento do fosso cultural que separam uma elite de superletrados virtuais de uma camada de pessoas que nem letradas foram.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Virtual; Livro Impresso; Ciberespaço.

INTRODUÇÃO

É comum, quando há novidades ou mudanças em curso, uma posição “doxósofa” por parte de alguns pesquisadores e intelectuais frente àquilo que se apresenta como novo ou teoricamente como “melhor”. Tal posição, muitas vezes ocorre pelo não distanciamento histórico do objeto em análise, fazendo com que os esquemas de percepção sejam reducionistas. Como exemplo, lembramos do anúncio do fim da História feito por Fukuyama (1992), devido às reformas e crise do socialismo na década de 90 do século XX, na União Soviética e na Europa Ocidental. Para o autor, houve a vitória do capitalismo e da cultura de consumo e a partir deste momento não haveria mais a possibilidade de uma alternativa para além do capitalismo, já que as lutas de classe, supostamente, teriam desaparecido. Algo semelhante, guardada as devidas proporções teóricas, acontece com o livro impresso, o qual muitos autores apontam para o seu fim, tais como: Arlindo Machado (1994), de maneira mais veemente e Lucia Santaella (2004), de forma implícita.

¹ Graduado em História, especialista em Políticas Públicas e mestre em Educação pela UFJF.

Para Arlindo Machado (1994), o livro impresso já está com os dias contados e a leitura virtual é mais do que uma realidade, já seria uma prática. Chega a mencionar que o livro impresso só sofre resistências por parte de nostálgicos. Já Santaella (2004, p. 15) ao fazer uma reflexão sobre jornais e revistas impressos faz a seguinte indagação: “que futuro é reservado também a esses meios? Sofrerão o mesmo destino do livro?”. Embora a autora não se debruce para responder a indagação lançada, é importante também perguntarmos: o livro impresso já tem um destino? Sabemos qual é esse destino?

Autores não contemporâneos, portanto, que não viveram a era do digital tal como nós estamos conhecendo, cogitaram também o fim do livro. Em meados do século XX, o historiador Lucien Febvre, no prefácio de seu livro (com coautoria de Henri-Jean Martin), intitulado *O Aparecimento do Livro*, apontava para um possível desaparecimento do livro. Segundo Febvre (1992, p. 14-15), “na metade do século XX, não temos a certeza de que o livro possa ainda por muito tempo continuar a desempenhar seu papel, ameaçado como está por tantas invenções baseadas em princípios totalmente diferentes”. Se em pleno a metade do século XX, o eminente historiador já percebia que tais mudanças tecnológicas (aqui estamos falando, sobretudo, da fotografia, cinema e televisão) poderiam levar a mudança do papel exercido pelo livro impresso, o que pensaria se tivesse presenciado o surgimento e evolução dos computadores, dos novos suportes do escrito e da internet? O fato é que se passaram mais de 60 anos e o livro impresso ainda continua como o principal suporte da escrita e leitura, desempenhando sua função de principal meio de difusão do conhecimento.

No Brasil, apesar de aumentar a cada pesquisa o número de acesso à internet, são poucos que a acessam todos os dias – 18% da população brasileira com 5 anos ou mais (Retratos da Leitura no Brasil, 2012, p. 323). No que se refere, especificamente a leitura de livros digitais (ebooks ou arquivo pdf), 82% nunca leu (Idem, p. 325). Esses dados nos mostram que, no Brasil, pelo menos não é possível cogitar para os próximos anos que a leitura de livros digitais se torne uma prática social ou que o livro impresso esteja em seu eminente fim. Pelo contrário, há um esforço crescente da prática da leitura do livro impresso e de sua respectiva comercialização (Cf. o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Governo Federal).

De qualquer forma não é à toa que hoje há uma grande tendência em ser otimista, em relação às potencialidades que as novas tecnologias, sobretudo, os computadores e a internet ensejam. Contudo, o debate não deve ser em torno do fim do livro, porque este não tem o menor indício de terminar, e sim de mudanças de suporte da escrita e leitura, passando do

impresso ao digital, em um processo que acaba de se iniciar e ao que tudo indica, de longa duração.

Visto o supracitado, este trabalho irá fazer reflexões sobre o livro virtual, procurando compreender as transformações do suporte da escrita e leitura, as potencialidades que este meio pode proporcionar e fazer breves considerações sobre o livro virtual e a escola.

Para realizarmos essas reflexões supracitadas, dialogamos principalmente com os seguintes autores: Roger Chartier, Pierre Lévy, André Lemos, Lucia Santaella e Gilberto Salgado.

TRANSFORMAÇÃO DOS SUPORTES DA ESCRITA E LEITURA

Orozco (2006) menciona que as tecnologias coexistem, ou seja, o uso do computador pode se dar ao mesmo tempo do que o da TV, sem substituí-la - isto também é válido para os suportes da escrita e leitura. Quando houve a mudança do códex para o livro impresso, aquele coexistiu por várias décadas com a novidade de Gutenberg.

Orozco (*Idem*) alerta também para o fato de que cada nova tecnologia demanda tempo de aprendizagem por parte de seus usuários, o que no caso do computador ou de outros suportes do escrito como o *kindle* e o *tablet*, no contexto brasileiro, ainda estão passando por um processo lento de inclusão social.

Essa era do digital, cunhada como Terceira Revolução pelo historiador Roger Chartier (1999), para entender as transformações dos suportes da escrita e leitura inaugura um novo momento, o qual alguns autores vão chamar de “sociedade do conhecimento”, “sociedade da informação” ou “sociedade cognitiva”.

Para Chartier (1999), o livro passou por três importantes revoluções em seu suporte, sendo que cada uma delas modificou as práticas sociais da leitura.

A primeira delas foi quando surgiu o códex (século V), num processo de substituição do rolo. A leitura na Antiguidade através do rolo (longa faixa de papiro ou pergaminho) fazia com que o leitor usasse as duas mãos para desenrolá-los, ou seja, limitava anotações e o autor não conseguia escrever ao mesmo tempo em que lia. Era comum que os autores ditassem aos escribas o que queriam que fosse escrito.

A segunda revolução foi o livro impresso com Gutenberg, no século XV. Tendo sua estrutura semelhante a do códex, o impresso facilitou o acesso e barateou o preço. Era possível ler ao mesmo tempo em que se podia anotar e instaurou a leitura silenciosa nas universidades medievais.

A terceira revolução está em curso, com os livros digitais. Embora ainda preserve alguns elementos que vem desde o códex (sumário, numeração, página pós-página), o texto eletrônico rompe principalmente com a maneira pela qual a leitura é feita, além de trazer mudanças na estruturação do texto e fluxo da leitura (hipertexto).

As mudanças em curso com a terceira revolução, fez com que Chartier (1999) trouxesse para reflexão o sonho iluminista de Kant, quando da época do surgimento do livro impresso, qual seja: “que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre instituições de seu tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros”. Seria a era digital um meio para a concretização desta idealização iluminista? Não sabemos, pois a revolução do digital ainda está em curso, em seu início.

POTENCIALIDADES DO LIVRO VIRTUAL

A virtualização como mostra Pierre Lévy (1996) faz parte da cultura moderna, trazendo consigo novas concepções e percepções de tempo (desprendimento do aqui e agora) e de espaço (desterritorialização). Dessa forma, o virtual usa novos espaços de interação e novas velocidades.

Ao partir do conceito filosófico de virtual, Pierre Lévy (1999, p. 47) reflete que o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual: “virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade”. O mundo virtual se apresentaria como um conjunto de códigos digitais que se potencializa através de imagens. Dessa forma, um texto quando está armazenado na memória de um equipamento ele está em seu estado real de virtualidade, porém quando está na tela, projetado, está no seu estado real - atual.

Segundo Lévy (1999, p. 55):

Se tomarmos a palavra ‘texto’ em seu sentido mais amplo (que não exclui nem sons nem imagens), os hiperdocumentos também podem ser chamados de hipertextos. A abordagem mais simples do hipertexto é descrevê-lo, em oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequencias musicais, etc.) e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, botões, indicando a passagem de um nó a outro.

A partir destas mudanças com o hipertexto, o livro digital é descrito por Ribeiro e Santos (2000) como:

Produtos híbridos que combinam as capacidades de visualização de textos com a versatilidade dos computadores, entre as quais, ecrãs sensíveis ao toque, portabilidade, capacidade de alteração do tipo e tamanho da fonte, assim como a inclusão de dicionários gramaticais e ou técnicos.

O livro virtual faz com que o livro, em seu formato tradicional, sofra modificações na forma física, nas concepções e modos de uso. Leilah Bufrem e Mara Silva (2001) elencam algumas vantagens e desvantagens do uso de livros digitais. Dentre as vantagens, as autoras apontam: elimina custo com gráfica, distribuição e transporte; elimina riscos em uma edição; o comprador recebe imediatamente o livro em seu e-mail; otimiza o espaço; transferência de aparelho para aparelho; aumenta a interatividade; a leitura pode acontecer com luz apagada, já que os suportes têm iluminação; e preservação da matéria – prima (árvore). Já as desvantagens, as autoras apontam para a necessidade dos leitores dominarem as ferramentas da informática; consumo de energia dos aparelhos; e suportes caros².

Para problematizar essas questões, além de vantagens e desvantagens, é preciso pensar o que essa mudança em curso do impresso ao digital pode influenciar nas relações sociais.

O psicanalista e sociólogo, Gilberto Salgado (2005, p. 14-15), mostra que “[...] o leitor e a leitura são ‘bombardeados’ pelas novas formas midiáticas, podendo resultar em uma precarização do universo abstrato-formal e o fechamento progressivo da esfera locucional”. Assim,

[...] as novas tecnologias e a rede não são necessariamente os ‘vilões’, uma vez que ampliam e metamorfoseiam as formas de percepção, memória, atenção e deslocamento, gerando novas possibilidades para a estética da recepção e o efeito estético, ainda quem os semi-iniciados nas novas tecnologias passam a sofrer uma ‘apartação’, aumentando, pois o fosso cultural e informacional que os distanciam dos ‘superalfabetizados’ em novas tecnologias.

A reflexão de Gilberto Salgado mostra que é preciso uma intervenção pedagógica e de políticas públicas (culturais e educacionais) capazes de dar conta do aumento do fosso cultural, isto é, reduzir essa desigualdade, pois enquanto uma elite cultural e econômica se informatiza, se tornam hiperalfabetizados virtuais e superletrados, ocorre um aumento da expansão do fosso cultural daqueles excluídos da hipermídia, os semiletrados e analfabetos. A diminuição deste fosso cultural certamente será um desafio em nosso país, o qual ainda encontra dificuldades de zerar o analfabetismo, universalizar o ensino médio e garantir uma educação de qualidade.

A preocupação do historiador Roger Chartier (1999) é com o possível desaparecimento do espaço público, principalmente referente à biblioteca física:

² Além destes itens elencados como ainda desfavoráveis, poderíamos acrescentar o ressecamento das vistas pela exposição à luminosidade dos aparelhos e dificuldade de acesso à internet, a qual pacotes que oferecem um bom acesso (com velocidade média e alta) ainda estão caros.

Com o texto eletrônico poderia se produzir uma reversão definitiva. Na biblioteca, ler-se á isoladamente. E poder-se-á ler sem sair de casa, porque os textos virão ao leitor enquanto, até então, o leitor devia ir ao livro quando não o possuísse. A relação privada com o texto corre o risco de se separar de toda forma de espaço comunitário. Está levantada a suspeita que nasce com as sociedades contemporâneas: será que elas vão dissolver o espaço público, não somente aquele da cidade antiga, em que se proferiam e escutavam os discursos, mas também o espaço onde podiam articular-se as formas de intimidade e do privado com as formas do intercâmbio e da comunicação? (Chartier, 1999, p. 144).

Ainda, neste sentido, àqueles que também apregoam o fim da biblioteca, como mais uma fórmula de reducionismo, Chartier (1999, p. 153) mostra a sua importância social e histórica.

Ao mesmo tempo, para todos os textos cuja existência não começou com a tela, é preciso preservar as próprias condições de sua inteligibilidade, conservando os objetos que o transmitiram. A biblioteca eletrônica sem muros é uma promessa do futuro, mas a biblioteca material, na sua função de preservação das formas sucessivas da cultura escrita, tem, ela também, um futuro necessário.

Em contraponto ao pensamento de Chartier, sobre um possível desaparecimento do espaço público e ao pensamento de Gilberto Salgado, no que se refere ao fosso cultural entre uma elite com acesso e alfabetizada em recursos tecnológicos daqueles que nem letrados foram, André Lemos, ao tecer considerações sobre a concepção de cibercidades, vai analisar que o ciberespaço pode proporcionar a anulação das distâncias entre os ocupantes, mesmo que seja a anulação simbólica, sob a forma de comunicação digital. Para André Lemos³, “o que está em jogo com as cibercidades é o intuito de lutar contra a exclusão social, regenerar o espaço público e promover a apropriação social das novas tecnologias”.

Além das potencialidades, há mudanças do perfil cognitivo do novo leitor, já perceptíveis e que surge com a era digital.

Santaella (2004) se propõe a pesquisar sobre as novas disposições, habilidades e competências deste novo tipo de leitor que está surgindo com as configurações hipermediáticas das redes e conexões eletrônicas. Para isso ela detecta três tipos de leitores a partir do século XV: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo.

O leitor contemplativo é o leitor meditativo do período pré-industrial, que utiliza o livro impresso. A relação deste leitor com o livro se dá através de um manuseio íntimo, cuja

³ LEMOS, André. Cibercidades. Disponível em <<http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/ICIEPA/UNPAN005410.pdf>>. Acesso em: 31/08/2013.

leitura geralmente ocorreria num espaço privado, separado dos lugares de divertimento. Uma de suas principais características é a leitura silenciosa e concentrada.

Ao contrário do leitor contemplativo, temos o leitor movente do período industrial e dos grandes centros urbanos mergulhados num mundo em movimento (jornal, fotografia, cinema e televisão). Conforme Santaella (2004, p. 29) o leitor movente:

É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidade desiguais. É enfim, o leitor apressado de linguagem efêmeras, híbridas, misturadas. Mistura que está no cerne do jornal, primeiro grande rival do livro. [...] Aparece assim, com o jornal, o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta do tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias da realidade.

Essas mudanças de percepção, de ritmo, da relação com a memória trazida pelo leitor movente ajuda a entender o novo leitor do ciberespaço. Porém, o leitor imersivo, que é o novo leitor, segundo Santaella (2004, p. 33), é bem diferente dos outros dois tipos de leitores, a saber:

[...] não se trata mais de um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como é o caso do leitor movente, mas de um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as sequencias de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, música, vídeo, etc.

Por fim, a autora finaliza que este tipo de leitor que emerge no ciberespaço, que navega nas infovias da rede, carece de ser melhor estudado, para compreender as práticas que estão sendo geradas a partir destas mudanças e deste novo leitor.

A ESCOLA E OS LIVROS VIRTUAIS

O uso dos livros digitais nas escolas está longe também de ser uma prática como recurso pedagógico nas escolas brasileiras. Para isso, será preciso uma mudança pedagógica e de infraestrutura referente ao uso das novas tecnologias, o que não se restringe ao livro digital.

Sabe-se que as escolas não possuem uma conexão (velocidade) razoável com a internet, possuem equipamentos defasados, professores não formados ao uso pedagógico das ferramentas que a informática pode possibilitar e as dificuldades de entender esse novo leitor do ciberespaço que está aparecendo (leitor imersivo). Aliado a isso, há um atraso entre o discurso de inclusão digital com a implementação dos recursos pedagógicos que a informática possibilita. Por exemplo, enquanto as escolas estão por se equipar com laboratórios de

informática, a discussão recente é que os computadores precisam estar em sala de aula, com os alunos -, sem falar dos novos suportes em voga, como os *tablets*.

André Lemos e Pierre Lévy (2000) mencionam que atualmente a escola já não é mais a única instituição legítima da produção e reprodução do conhecimento, já que “no clima virtual da computação social, a avaliação, a crítica, a categorização não são mais reservadas aos mediadores culturais tradicionais (clero, professores, jornalistas, editores), mas retorna às mãos das multidões”.

Embora o fato de que a instituição escolar, através de seus professores e equipe pedagógica já não seja mais a única ou principal mediadora do conhecimento, acreditamos que há uma ingenuidade dos autores ao apontarem que essa mediação cultural é tão livre e que se “retorna às mãos das multidões”, o que, aliás, é uma expressão vaga. É preciso lembrar que no caso da venda de livros no Brasil como indicam as pesquisas Retratos da Leitura no Brasil (2012), o público leitor brasileiro responde prontamente ao que sugere o mercado editorial (venda de *best-sellers*, muitas vezes, após o sucesso cinematográfico; livros de autoajuda; e religiosos), além de que a TV exerce um grande papel na classificação e consumo dos bens culturais produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como no conto *Livro de Areia* (2012), do escritor argentino Jorge Luis Borges, que nos passa a ideia de que a leitura possibilita espaços e tempos infinitos, levando-nos a novos horizontes, certamente, o livro virtual intensifica essas conectividades e deslocamentos por espaços e tempos “infinitos”, através do hipertexto. Além destas conectividades, suas potencialidades são, no mínimo, provocativas. Hoje uma pessoa cega que não saiba o braile ou uma pessoa analfabeta, podem “ler” tranquilamente um livro através do *audiobook*⁴.

Como podemos perceber as potencialidades do virtual, dos livros virtuais em específico, são sedutoras e já estão em curso. Há uma mudança cognitiva em curso do leitor, em seus modos de percepção, recepção, memória e atenção. Contudo, a Terceira Revolução do suporte da escrita e da leitura está em seu início, portanto, é cedo e prudente não usarmos uma predicabilidade do fim do livro impresso.

É importante ressaltar os efeitos nas relações sociais, também em curso, como apontam Chartier (1999), em sua preocupação com o espaço público (sobretudo com a

⁴ Até o momento não encontrei nenhuma pesquisa acadêmica que aborde a temática do *audiobook* em relação à leitura de pessoas portadores de deficiência visual que não dominam a linguagem do braile ou de analfabetos.

biblioteca material), e Gilberto Salgado (2005), no que tange ao fosso cultural que separam uma elite de superletrados virtuais de uma camada de pessoas que nem letradas foram.

O grande desafio que se coloca referente à leitura no Brasil, é a formação de leitores, independentemente do suporte. A escola, neste caso, tem um duplo desafio: formar leitores e se preparar pedagogicamente a um novo leitor que está surgindo (o leitor do ciberespaço).

ABSTRACT:

This paper reflects on the digital book and seeks to understand the potential that this medium can provide, besides the transformations of the supports of writing and reading. It also makes brief remarks about the digital book in school. If, on one hand, the potential of virtual and in this particular case, virtual books, is enticing, because we can imagine that a blind or illiterate person can "read" a book through audiobooks, on the other hand, we must also remember that printed books remains the main support of writing, reading and knowledge. Furthermore, the social effects need to be taken into account, due to concerns about a possible disintegration of public space and the rise of the cultural divide that separates a superliterate elite, from a contingent of people who were not literate at all. In this sense, the school has a double challenge; first to educate readers and then to pedagogically adapt to a new kind of player that emerges: the reader of the digital age. To analyze the issues mentioned, we mainly dialogue with the following authors: Roger Chartier, Pierre Lévy, André Lemos, Lucia Santaella and Gilberto Salgado.

KEYWORDS: Digital Book, Printed Book; Cyberspace.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. *O Livro de Areia*. São Paulo: Abril, 2012.

BUFREM, Leilah Santiago & SILVA, Giana Mara Seniski. Livro eletrônico: a evolução de uma ideia. *Comunicação apresentada no XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação*. Campo Grande (MS), 2001.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2012.

FEBVRE, Lucien & MARTIN, Hery-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Hucitec, 1992.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

LEMOS, André & LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2000.

LEMOS, André. *Cibercidades*. Disponível em <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/ICIEPA/UNPAN005410.pdf>. Acesso em: 31/08/2013.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro? *Estudos Avançados*. Vol. 8, nº 21, São Paulo, maio/agosto, 1994.

OROZCO, Guillermo. *Comunicação Social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos*. In.: MORAES, Denis (Org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Maud, 2006.

RIBEIRO, Jorge Alves & SANTOS, Paulo Alexandre Gomes dos. *Ebook*. Disponível em <http://www.student.dei.uc.pt/~torres/Ebook.htm>. Acesso em 05/03/2013.

SALGADO, Gilberto Barbosa. *Fabulação e Fantasia*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.